

Caminho do Mar

» JULIANA DE CARVALHO
Produtora cinematográfica

» GUILHERME SOUZA
Biólogo

Foi fazendo a edição de um livro sobre os cursos hídricos do Rio de Janeiro que me deparei com a história da transposição do Rio Paraíba do Sul para abastecer de água a cidade. Parece estranho, mas essa é uma informação que a maioria dos cariocas desconhece, ou não entende a importância e o perigo do fato. Diante da minha ignorância e surpresa, pensei: isso vale um filme. Assim nasceu o argumento de *Paraíba do Sul*, o filme que mais tarde se chamaria *Caminho do Mar*, por sugestão do diretor convidado Bebeto Abrantes, inspirado em um verso do poema *Rio*, de João Cabral de Melo Neto.

Caminho do Mar não é um documentário-denúncia, que quer revelar os culpados. É um grito de alerta contra o descaso das autoridades frente ao desgaste de nosso meio ambiente e dos nossos recursos naturais. Em especial, a esse rio que abastece uma das regiões mais populosas do Brasil: a Sudeste.

É natural uma relação de conflito entre as cidades e o uso de suas águas. Mas, no caso do Paraíba do Sul, um desastre ambiental acontece diariamente e estamos ignorando a gravidade da situação. Depois do que aconteceu com o Rio Doce, não é alarmismo dizer que o Rio de Janeiro

pode um dia acordar sem ter água para beber. Como disse Paulo Canedo, consultor em hidrologia para o filme: “Dói no coração ver nossos rios sendo mortos”.

O Paraíba do Sul nasce em São Paulo, por entre um rico fragmento de Mata Atlântica, na Serra da Bocaina, e, ao longo de um bom percurso, desliza das regiões de maiores altitudes para as mais planas em meio a duas serras, a do Mar e a da Mantiqueira. No percurso, recebe águas de inúmeros afluentes até desaguar no litoral fluminense, em Campos dos Goytacazes e São Francisco do Itabapoana.

Como dados numéricos, ele também é majestoso. Ao todo, são 5,5 milhões de habitantes, sendo 1,8 milhão no estado de São Paulo, 2,4 milhões no Rio de Janeiro e 1,3 milhão em Minas Gerais. Ao todo são 184 municípios que dependem da água da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. O contingente aumenta quando incluímos os 8,7 milhões de habitantes da região metropolitana do Rio de Janeiro, que também consomem a água dessa bacia.

No entanto, apesar da expressividade nacional, seja populacional, seja econômica, o índice de tratamento do esgotamento sanitário é menor que 11,3%. Além desse aspecto, outros contribuem para o desequilíbrio ambiental:

despejos de efluentes industriais, os inúmeros barramentos hidrelétricos, os desmatamentos, o uso irregular do solo.

Inevitavelmente, tal descaso interfere na biodiversidade aquática. Em relação aos peixes, o Paraíba do Sul possui grande variedade de espécies, mas é na porção terminal do rio que as espécies são mais diversas, nos cursos médio inferior e baixo Paraíba do Sul. Esses trechos, além de não serem industrializados, têm rotas migratórias para possibilitarem a reprodução dos peixes, e também rotas de escape para os peixes durante os recorrentes acidentes químicos, inclusive mantendo espécies ameaçadas de extinção, como a piabanha e o surubim-do-paraíba. É por esse e outros motivos que temos de preservá-lo.

E nossa esperança é darmos voz ao Paraíba do Sul no Green Film Festival, que ocorre durante o 8º Fórum Mundial de Água, de 18 a 23 de março em Brasília, pela primeira vez no Hemisfério Sul. Nossa missão é trazer para o debate político e popular o futuro do Paraíba do Sul e talvez alterar o curso dessa história. Parafraseando o clássico filme brasileiro *Cabra marcado para morrer* (1984), do mestre do documentário Eduardo Coutinho, não vamos deixar o Paraíba do Sul ser mais um rio marcado para morrer.